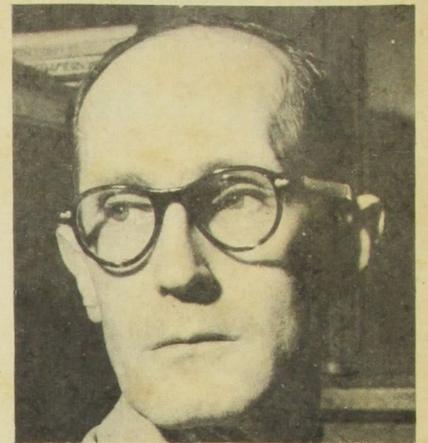


## GENTE DA CIDADE



Carlos Drummond de Andrade  
Poeta

Sua mãe, que era prima de seu pai, teve 14 filhos; a maioria morreu com dias ou meses. Esse menino magrinho, muito claro, de olhos azuis, resistiu, e cresceu naquela Itabira do Mato Dentro no começo do século onde, terminado o curso primário, não havia mais o que estudar. Infenso à vida rude na fazenda paterna (subia numa goiabeira, ficava lendo uma revista velha) foi mordido por um cavalo manso e caiu espetacularmente de outro também manso, o que lhe produziu grande humilhação. Para não ficar a-tôa foi ser caixeirinho de uma loja, vendendo artigos de armarinho e também gêneros do país. Não tinha salário, mas no fim do ano o patrão lhe deu um terno de casimira zebreado, com suas primeiras calças compridas, grande acontecimento; aparece com elas em uma fotografia de família. Escrevia umas coisas no balcão, nas horas de ócio, e para permitir seu ingresso com menos de 14 anos foi preciso reformar os estatutos do "Grêmio Dramático e Literário Artur Azevedo", onde pronunciou uma conferência sobre a "Descoberta da América", tendo o pai viajado muitas léguas a cavalo para assisti-la.

Como o menino não dava mesmo para coisa alguma (normalmente seria destinado à fazenda) foi mandado estudar no Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte (contemporâneo: Gustavo Capanema) de onde foi para o "Colégio Anchieta" de Nova Friburgo (contemporâneo: Arturzinho Bernardes), onde passou dois anos interno, muito carola, e com notas ótimas, até que teve um incidente com um professor que o expulsou da aula e lhe deu 4 no exame; fez uma carta ao padre reitor explicando que não achava justo tirar 4 em português, ainda mais que soubera que a nota fora por comisseração; não queria comisseração e sim justiça. Resposta: nota zero, expulsão do colégio por indisciplina mental, coisa extremamente chocante para um menino acostumado a ganhar "dignidades" com medalhinhas que o nomeavam "general" ou, pelo menos, "coronel". Resultado: profunda descrença na justiça humana e também na divina; moral abatidíssima, que se ergueu um pouco no trem, de volta para casa, ao namorar uma menina. A menina desceu em Entre Rios, o abatimento voltou. Quando soube que o padre Juquinha morreu em um desastre de bonde São Clemente quinze dias depois, não pôde evitar uma certa alegria e mesmo alguma nova esperança na justiça divina. Agora a família vive em Belo Ho-

## LUA, VENTO

Mudança de lua — e de vento. Domingo já é lua cheia; sábado amanheceu torturado nas garras do noroeste. Tudo está indicando que deves proceder com a maior circunspecção. O melhor, de resto, é não proceder. Não fazer nada, não suspirar, não sair, não receber, não telefonar, nem sequer consultar o horóscopo; ele poderia te influenciar.

Chega a cadeira mais para junto da mesa; apoia os cotovelos na mesa. Olha o teclado de tua máquina. Ali estão tôdas as letras, e sinais. Tôdas as palavras; as que te lançam na cólera e na humilhação; as que te fazem marchar distraído sobre as águas do mar de manhã, e ainda as que te afogam na última torpe lama do brejo distante e escuro, agarrado a um cão morto.

Estão tôdas ali, as palavras. Não as temas. Vê como são feitas: são feitas de letras. Basta bater uma tecla depois de outra tecla, e depois ainda outra, e mais alguma; há os espaços o ponto de exclamação, o de interrogação. Há tudo o que é suficiente e, seja o que for que qualquer pessoa pudesse te dizer, ou tenha dito, a palavra mais pura ou a frase mais mesquinha, tudo é uma simples combinação dessas letras brancas nesses círculos negros.

Experimenta bater as primeiras teclas de cada

degrau. Lê: 2 qaz. Que quer dizer isso? Um número, uma consoante, a primeira vogal, a última letra. Isso não quer dizer nada.

Para escrever alguma coisa que queira dizer alguma coisa é necessário que escolhas a ordem de bater as teclas. Responde-me a esta pergunta: vale a pena? Hoje venta noroeste, amanhã é lua cheia. Depois virão outras luas e outros ventos mas isso também é fútil. Pois um dia as luas poderão girar no céu e os ventos rodar na terra com meiguice ou fúria, isso não te importará. Estarás morto; e então não apenas tudo o que vier não importará como também tudo o que foi. Mesmo que se coloquem dezenas de milhares de pessoas, a perder de vista dispostas em filas de mesas, batendo milhões de letras em suas máquinas e escrevendo interminavelmente coisas contra ou a favor de ti: e ainda fileiras imensas de milhões de bocas de homem e de mulher falando, gritando ou murmurando as coisas mais doces e as mais cruéis, nada te importará.

Por que então te afligires agora? Que o vento noroeste arraste pelo asfalto tôdas as folhas secas, e depois venham as chuvas frias do sul e depois no céu limpo suba, imensa, a lua — não penses que isso tenha nada a ver contigo. Não existes. Nada tem nada a ver contigo.

## A POESIA É NECESSÁRIA

Mesmo aos Cronistas

SONETO  
DA TARDE

DE RUBEM BRAGA

Poeta bisonho, o cronista R. B. terá publicado no máximo uns seis poemas, dos quais o melhorzinho é o soneto acima, escrito em um momento de perfeita felicidade. — R. B.

*E quando nós saímos era a lua,  
Era o vento caído e o mar sereno  
Azul e cinza-azul anoitecendo  
A tarde ruiva das amendoeiras.*

*E respiramos, livres das ardências  
Do sol que nos levara à sombra cauta  
Tangidos pelo canto das cigarras  
Dentro e fora de nós exasperadas.*

*Andamos em silêncio pela praia.  
Nos corpos leves e levados ia  
O sentimento do prazer cumprido.*

*— Se mágua me ficou na despedida  
Não fez mal que ficasse, nem doesse:  
Era bem doce, perto das antigas.*



rizonte e o rapazinho cá na vadiação; jamais terminará seu curso secundário. Conhece Abgard Renault, Milton Campos, Pedro Nava, entra para a Escola de Farmácia (porque não exigia preparatórios) e ao fim de três anos se forma sem jamais ter pisado em um laboratório nem ousado aplicar uma injeção. Tendo adoecido o orador da turma, discursa em seu lugar.

Fase de madrugadas boêmias em que põe fogo à casa da família Vivacqua (namorava uma das moças) junto com Pedro Nava; os dois ajudam a apagar, lutando heróicamente, mas são suspeitos, e o noivo de uma das moças agride Carlos no Hotel Avenida. Apostas com Orlando de Carvalho sobre travessia do viaduto da Central, com perigo de morte: quebra de cinemas e bondes, "entêro" de um delegado, quando pronuncia o único discurso de sua vida, visitas ao Cemitério, madrugadas gastas em arrancar placas de advogados e médicos, pequenas aventuras gratuitas e arriscadas.

Milton Campos não as aprova nem reprova, é o elemento moderado da turma e parlamenta com os ofendidos.

Essa vagabundagem lírica termina com um noivado. Para casar é preciso ter emprêgo; vai para Itabira com um lugar de professor de ginásio. De lá o faz vir Alberto de Campos, que o põe na redação do "Diário de Minas". Para espanto geral, principalmente do pai, ele se mostra um trabalhador aplicado e excelente, Rodrigo M. F. de Andrade o recomenda a Chico Campos (secretário do Interior); trabalha na "Revista do Ensino", faz a campanha da Aliança Liberal no "Minas Gerais", depois vai ser oficial de gabinete de Cristiano Machado, com Gabriel Passos e Teixeira. Nessa qualidade participa da revolução de 30, ajuda a vitória redigindo telegramas e transmitindo ordens; quando o 12.º R. I. se rende, partem todos para Barbacena, Carlos tem uma pistola e um binóculo de campanha, entrada triunfal em Juíz de Fóra, a Pátria está salva. Trabalha depois com Capanema, na secretaria do Interior e na Interventoria, mas quando Valadares é nomeado vai para os "Diários Associados".

Em 34 Capanema é nomeado ministro, êle vem para o Rio e trabalhará com o amigo até 1945, quando sai de seu gabinete para não comprometê-lo por ter assinado um telegrama de protesto contra os tiroteios em que morreu o estudante Demócrito, no Recife. Visita Luís Carlos Prestes, entusiasma-se, é um dos diretores da "Tribuna Popular", órgão comunista, onde fica 3 meses e mal consegue escrever 3 linhas; só há um diretor que dirige mesmo, é o que representa o Partido; o resto, inclusive êle, é apenas para enfeitar. Quando o P. C. fica ao lado da ditadura Carlos deixa o jornal, com uma carta, e em breve passará a ser atacado pelo partido, a que jamais pertenceu. Hoje é chefe da Secção de História da Divisão de Estudos e Tombamentos (diretor: Lúcio Costa) da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (diretor: Rodrigo) onde é considerado funcionário exemplar. Gosta do emprêgo porque só precisa lidar com igrejas e casas velhas; atualmente escreve crônicas (C. D. A.) na 4.ª página do "Correio da Manhã".

Sua carreira literária foi a princípio estimulada pelo irmão mais velho Altivo, depois sofreu grande influência de Álvaro Moreyra, mais tarde de Mário de Andrade, que em inumeráveis cartas criticava rigorosa e ternamente seus primeiros poemas. Publicou, em versos: "Alguma Poesia"

(1930), "Brejo das Almas" (34) "Sentimento do Mundo" (40) "Poesias" (42), "Rosa do Povo" (45) "Claro Enigma" (51) e breve nos dará "Poesias Completas" (na Zé Olympio, com uma parte de poemas inéditos) e "Poemas traduzidos", além de uma possível "História e Antologia da Pedra no Caminho" com que se livra do longo recalque motivado por esse pequeno (e bom) poema de 1929 longamente gozado pelos anti-modernistas. Publicou ainda "O gerente" (45) que é uma novelinha, "Confissões de Minas" (44), crônicas, "Contos de Aprendiz" (51) e "Passeios na ilha" (52), crônicas.

Teve um filho que logo morreu e uma filha, Maria Julieta, que considera sua crítica mais implacável e ao mesmo tempo compreensiva. "Juju" antes dos 20 anos publicou uma novela que espantou a crítica pela segurança de estilo, depois casou-se com um argentino e foi morar em Buenos

Aires, tem dois filhos. Pai, avô e até sogro extremo, o poeta já foi lá três vêzes, suas três únicas viagens fóra da rotina Rio-Minas.

Tem vida muitíssimo recatada, dá a mão sem apertar, não gosta de conversar com ninguém na rua, e sua timidez orgulhosa lhe rende muitas antipatias. Fala baixo, depressa e em pequenos arranços; cultiva poucas amizades. Quando empolgado por alguma campanha é de uma espantosa atividade, intemperato, de um ardor místico; depois se enfurna em casa, na família e nos livros. Tem várias coleções de recortes sobre literatura e outros assuntos, ama fichários e dicionários, é organizado e altamente eficiente e bem informado. Já teve um livro de poemas traduzido em Buenos Aires e outro em Madrid; e não esqueçamos de dizer que é um dos mais altos poetas desta nossa língua em todos os tempos.

R. B.

